

**ANAIS DO  
IIIº Colóquio Periódicos & Literatura:  
o estado da arte e uma projeção para o próximo biênio**



**DESPEDIDAS E REENCONTROS:  
A ARTE DA ESCRITA CRONISTA**

Raquel França dos Santos Ferreira

FBN

**Caminhos iniciais**

Completando mais de dois anos da finalização da Tese intitulada *Última Página de O Cruzeiro: crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz pós 1964*, e doze anos de encerramento da Dissertação *Antônio Maria: Visões de Copacabana na década de 1950*, percebo que é chegada a hora de uma parada reflexiva sobre todo esse tempo de intensa leitura de crônicas.

Fazendo um breve retrospecto, comecei a me aproximar da escrita cronista estudando as visões elaboradas por Antônio Maria, escritor pernambucano, em sua vida profissional como cronista das páginas dos jornais *Última Hora*, *O Globo* e *O Jornal*. Suas crônicas falavam sobre vários assuntos relacionados à cidade do Rio de Janeiro e, mais especificamente, ao bairro de Copacabana.

Maria, como era conhecido, foi frequentador assíduo de casas noturnas na Lapa e em Copacabana, entre as décadas de 1930 e 1950, respectivamente. O escritor elaborava seus textos da coluna “Mesa de Pista” (*O Globo*) ainda na mesa do bar. Outras vezes, batia ponto em uma delegacia de Copacabana de onde tirava inspiração para a coluna “Romance Policial de Copacabana” (*Última Hora*).

Naquela ocasião, cursando o mestrado em história na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), estudei como as representações criadas por Maria ajudavam a desconstruir a ideia de que o Rio de Janeiro era uma “Cidade Maravilhosa”. Suas identidades regionais, ligadas a Pernambuco, levavam a comparações interessantes nos universos da música, das artes, do cenário urbano, trazendo como parâmetro de referência Recife e Olinda, em oposição ao Rio de Janeiro, conforme podemos ver abaixo:

Nascemos e fomos criados numa família que estava sempre esperando ‘qualquer coisa’. ‘Qualquer coisa’, no Recife, era um sinônimo de tiroteio, que se dizia discretamente, como uma senha, para não assustar as crianças, as mulheres e os velhos da casa. (...). Recife foi uma cidade que viveu em guerra até 1935. Guerra

mesmo, com bandeiras, tiroteio e sangue, entre duas nações e dois povos, que se chamavam Exército e Polícia. O 21º Batalhão de Caçadores, ou 21, simplesmente, não se podia encontrar com a Força Pública Estadual – a Polícia – que não houvesse tiroteio. (...). Bastava que um praça embriagado roçasse o ombro de outro praça. Um palavrão. A pancada de ferro, de um sabre contra o outro e, lá na esquina, já a metralhadora começava a cantar, como se estivesse esperando ordem de fogo. (...) Anteontem, aqui no Rio, de madrugada, disseram que os tanques marchavam a caminho da cidade. Um alvoroço, em meu coração. Uma felicidade de criança, porque todas as revoluções iam se repetir dentro de mim (...). Não vieram tanques, não aconteceu nada e mais uma vez me convenci de que guerreiros mesmo só houve, no Brasil, os soldados da Força Pública e do 21º BC. Fomos dormir paulificados de não ter havido nada, já que tanto esperamos ‘qualquer coisa’. (*O JORNAL*, 05/12/1959)

Escrever a Dissertação foi uma experiência ímpar. A profusão de textos de Antônio Maria, sua velocidade e versatilidade em escrever sobre as mais diversas condições sociais, urbanas, enfim sobre as experiências humanas dos habitantes do Rio de Janeiro, com uma dose inigualável de humor, resultou em um corpus documental rico e preñado de significados, informações, entretenimento. O gênero “crônica” havia me conquistado definitivamente através das habilidosas mãos de Maria.

Posteriormente, já no Doutorado em história na Universidade Federal Fluminense (UFF), tive contato com as crônicas da escritora cearense Rachel de Queiroz, publicadas exclusivamente na revista *O Cruzeiro*. Sua experiência como escritora daquela revista durou 30 anos quase ininterruptos e resultou em consideráveis análises sobre cada uma das regiões do país. Extrapolando as fronteiras brasileiras, produziu inclusive crônicas sobre Nova Iorque, ONU, e guerras como as das Coreias ou as do Oriente Médio.

Nesse processo, procurei discutir sua escrita política e seu alinhamento e/ou crítica ao golpe civil-militar de 1964, bem como quais desdobramentos decorrentes do processo estariam presentes em seus textos.

Um dos exemplos de elogio ao processo que culminou na Ditadura Militar brasileira das décadas de 1960-1980 aparece no trecho da crônica ‘A Nova Revolução’, abaixo:

Dele [referia-se ao General Castello Branco, que havia assumido o governo] não temos a recear que os poderes excepcionais lhe subam a cabeça e que nenhuma escura noite ditatorial vá cair sobre nós, com os presídios cheios de presos políticos, sem inquérito nem processo, a opinião sufocada, a censura nos jornais e emissoras. O seu combate aos comunistas e demais conspiradores vai ser às claras, pela letra da lei, à sobra da toga dos juizes. Quem tiver crime paga – e para os crimes há definições específicas nos códigos e nas leis de segurança nacional (*O Cruzeiro*: 23/05/1964, p. 130).

Um dos exemplos de crítica aquele mesmo momento político brasileiro, pode ser encontrado no fragmento da crônica Carta ao Ministro da Viação, abaixo:

P.S. – E já que estamos conversando, permita que pergunte: o Ministério da Viação já se informou do que andavam fazendo com os navios da Costeira, tipo “Princesa”, prometidos para as linhas costeiras do Brasil e que nunca chegaram direito a cumprir a tarefa, porque eram cedidos às companhias de turismo para cruzeiros de passeio, sendo que foi num desses cruzeiros que quase afundaram o Ana Nery? E agora, Deus que me perdoe, o “Princesa Leopoldina” até servindo de prisão, em vez de navegar, como se não fizesse tanta falta! (O Cruzeiro, 30/06/1964, p. 122)

A aproximação com a escrita de Rachel de Queiroz ampliou consideravelmente a minha relação com o estudo das crônicas. Dona de um manejo contundente da escrita, Rachel ressignificou diversas concepções sobre sertão, estrangeirismos, memória, mulher em sociedade, dentre outras. Da denúncia ao entretenimento, suas crônicas oferecem múltiplas possibilidades de conhecermos, através das letras, nosso próprio país.

Após delinear brevemente a relação que tive com essas duas experiências, faremos algumas considerações acerca das crônicas enquanto documento histórico, sua relação com o suporte impresso (jornal/revista), sua escrita entre a literatura e o jornalismo, deixando para o fim uma primeira reflexão sobre os próximos passos de pesquisa sobre esses documentos.

### **Crônicas enquanto documentos históricos**

Optar pelo trabalho com narrativas cronistas, em uma reflexão historiográfica, constitui-se em um grande desafio. Atualmente, sabemos que as possibilidades investigativas são vastas. Essa ampliação no *corpus* documental a disposição do historiador, é resultado das transformações científicas da virada do Século XIX para o XX, com o advento da *Escola dos Annales*. A partir dos desdobramentos do movimento encabeçado por Lucien Febvre e Marc Bloch, podemos observar a emergência de novos problemas e novas análises, bem como de preocupações com questões socioculturais.

Le Goff e Pierre Nora (1976) sinalizam que as preocupações anteriormente focalizadas no escopo político-econômico agora passam a ser voltadas para as mais diferentes expressões culturais. Dessa forma, para conseguirmos nos compreender o tecido social precisamos mergulhar em diversos vestígios humanos. Desde iconografias até música, passando pelas narrativas escritas. O que antes só se colhia em documentos oficiais que representavam a parcela social ligada aos homens poderosos e às camadas dominantes, agora pode ser encontrado nas vozes dos homens e mulheres anônimos, incorporando suas versões dos processos históricos, antes desconsideradas, conforme discute Roger Chartier (2010).

As crônicas, então, são incorporadas ao olhar do historiador. Ao enveredar pela leitura desse gênero textual observamos diversos aspectos socioculturais presentes nos textos. Os imaginários sociais, as opiniões dos autores, as identidades representadas, as memórias, os dados históricos.

Segundo Bronsilaw Bazcko (1985), os imaginários sociais fazem parte das representações que construímos sobre determinado objeto analisado, descrito, estudado. Por serem elementos de escrita que circulam entre o fazer literário, o entretenimento e o jornalismo, as crônicas oferecem um pouco do olhar dos próprios autores sobre os temas eleitos para os textos.

O fazer histórico, conforme discute Michel de Certeau (1982), passa por contextualizar tanto a produção desses tipos de documentos, quanto às condições históricas em que foram escritos bem como o suporte no qual foram publicados. Esse processo tem múltiplas faces, idas e vindas, e precisa ser sempre balizado em leituras de apoio para que busquemos outras opiniões diferentes das do autor. Isso evita que incorramos na tendência de tomar o que o autor fala como sendo uma única verdade.

### **A questão do suporte**

Aprofundando a análise dos documentos e extrapolando o texto e as articulações narrativas escolhidas por tal ou qual autor, nos deparamos com a questão de onde esses textos foram publicados. Algumas considerações podem ser ponderadas então, acerca dos diferentes suportes textuais, com base no que discute Roger Chartier (1990).

Depois de ler as crônicas de Antônio Maria e de Rachel de Queiroz percebem-se algumas peculiaridades. As escritas por Maria foram publicadas em jornais. Por isso, sua leitura é bastante diluída em meio a outros textos, por compartilhar o espaço com outros itens, sejam artigos, imagens, notícias. A intenção de sua durabilidade é distinta já que o jornal é descartado no dia seguinte à publicação sendo logo substituído por outros textos, pontos de vista, opiniões contrastantes ou não com as iniciais.

As crônicas de Rachel de Queiroz, por sua vez, são escritas na última página de uma revista de grande circulação nacional em sua época. O que dá inúmeras possibilidades de interpretação: a da última palavra; a de que o leitor consumiu toda a revista até chegar ao seu texto; ou de que, ao inverso, começou pelo fim e abriu a leitura da revista através daquela opinião. Por serem publicadas em revista semanal, suas articulações são apenas substituídas semana seguinte à sua publicação e, posteriormente, confirmadas ou confrontadas.

Ambos os autores tiveram suas crônicas reunidas em livros, organizados até mesmo por outros autores, alterando a ordem das publicações originais, fornecendo novo arranjo, cortando/selecionando as inadequadas ao livro. A ótica da duração dos textos é subvertida: o que foi escrito para ser suplantado em alguns dias, agora se torna imortalizado nas páginas de um livro, passado de geração a geração.

Em uma pesquisa histórica que analisa narrativas textuais a publicação dos textos nesses diferentes suportes interfere, segundo Chartier (1990), nas práticas de leitura e, por conseguinte, na recepção da mensagem pretendida pelo autor, no momento de sua primeira divulgação em meio impresso.

## **A crônica como documento literário**

Operacionalizando ferramentas tanto da escrita jornalística quanto da escrita ficcional, as crônicas são importantes fragmentos em que a arte, a estética literária, o entretenimento e a crítica social convivem. Isso porque as opiniões, memórias, criatividade, dos autores, estruturam a narrativa dos acontecimentos finamente articulados nos textos.

Nos casos estudados, crônicas de Antônio Maria e Rachel de Queiroz, por serem obras muito bem escritas e acabadas, o encantamento com a estética nos ajuda a criar empatia e afetividade com os autores. Além disso, o regionalismo presente nos textos desperta a curiosidade para conhecermos os cantões mais afastados do Rio de Janeiro, centro urbano privilegiado pelos autores para fixarem residência.

Entretanto, o que nos motiva nesse artigo é observar as especificidades da crônica, enquanto documento histórico e peça literária. As definições ao gênero literário são discutidas por inúmeros intelectuais, literatos e críticos literários.

Sendo assim, o que caracterizaria uma crônica? Existe algum padrão para esse gênero literário? Maria Cristina Cardoso Ribas (2013) discute a importância de desmistificarmos modelos de definição estáticos sobre o gênero. De Antônio Cândido a Afrânio Coutinho, passando por Massaud Moisés, autores escolhidos para análise por Maria Cristina, observamos a tendência de “enquadrar” as crônicas em determinados modelos explicativos. Os modelos propostos acabam por serem provisórios, devido às particularidades de cada autor e de cada crônica.

Sugerimos aqui, em acordo com a leitura proposta por Maria Cristina (2013) que atribuir modelos e características a esse gênero nos impede de *enxergar a constituição multifacetada do discurso cronístico* (RIBAS, 2013: p.8). Crônica-poema; crônica-narrativa; crônica metafísica; crônica informação, dentre outras tantas designações que possamos encontrar, não dão conta de explicar a complexidade e as sutilezas dessa escrita. Da mesma forma a posiciona em patamares inferiores, subjugando-as em prol da valorização do romance ou da poesia.

Percebemos, então, que as crônicas parecem ter sido definidas sempre em oposição/contraposição a outros gêneros de escrita literária. Essas comparações acabam por forçar um enquadramento que limita sua compreensão enquanto uma escrita única e preta de especificidades.

Concebida como se fosse um gênero “menor” (Candido, 1992) e “ao rés do chão”, a escrita cronista parece ter que justificar sua importância a cada texto. Entretanto, ao aprofundarmos sua leitura, compreendemos que os contextos históricos de toda uma geração podem ser discutidos a partir dessas narrativas.

## **Novos panoramas de pesquisa**

Depois dessa breve releitura de um trabalho de mais de uma década, a proposta será repensar as crônicas em seus desdobramentos enquanto documentos histórico-literários. Daqui para adiante, o exercício investigativo será tal que ajude a compreender algumas das mais várias facetas da crônica. Ao mesmo tempo em que me despeço de Antônio Maria e de Rachel de Queiroz, como objetos de pesquisa, reencontro as crônicas, suas singularidades e potencialidades. Com elas pretendo prosseguir o meu fazer histórico.

Da informação ao entretenimento; da ficção à crítica social; do jornal ao livro. O que muda? O que enriquece? O que se apaga? Do que e de quem se fala? O cuidado com a contextualização histórica do lugar de quem escreve e do momento que investigamos, e a busca ao respeito às especificidades da escrita cronista são algumas das balizas dos novos olhares dedicados ao estudo desse gênero literário.

As crônicas, do ponto de vista histórico, estão muito longe de ser um fim em si mesmo. Se, no dito popular, os olhos são as janelas da alma, as crônicas podem ser janelas para o mundo que nos cerca.

## **Referências**

### **a) Bibliográficas**

BACZKO, Bronislaw. “Imaginário Social”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1990.

BRAGA, Rubem. *Ai de ti, Copacabana*. 21ªEd. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CANDIDO, Antônio. *A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Ed. da UNICAMP; R. J., Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Volume III - RJ: Livr. São José, 1964.

*O CRUZEIRO*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica ‘O Cruzeiro’. 1960-1974.

FERREIRA, Raquel F. S. *A Última Página de O Cruzeiro: crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz pós-64*. Rio de Janeiro: PUBLIT, 2016.

*O GLOBO*. Rio de Janeiro, Jan/1954 a Jan/1958.

*O JORNAL*. Rio de Janeiro, Jan/1950 a Jan/1953.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: LE GOFF. *Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, [1984].

LE GOFF, Jacques/ Nora, Pierre. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MARIA, Antônio. *Crônicas*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”. In: CÂNDIDO [et. al]. *A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Ed. da UNICAMP; R. J., Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

QUEIROZ, Rachel de/ Queiroz, M<sup>a</sup> Luiza de. *Tantos anos: uma biografia*. SP: ARX, 2004.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 2<sup>a</sup> ed., 1985 [Série Princípios].

*ÚLTIMA HORA*. Rio de Janeiro, Jan/1952 a Jan/1960

## **b) Digitais**

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. “Escutar os mortos com os olhos”. In.: *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, vol 24, n.69, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510/12252>, acesso em 16/10/2017.

FERREIRA, Raquel F. S. “A ação e o discurso: uma breve análise da trajetória intelectual de Rachel de Queiroz durante o regime militar (1964-1975)”. In: *Anais do XXI Encontro Estadual de História –ANPUH*. Campinas: UNICAMP, 2012. Disponível em: [http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1337119513\\_ARQUIVO\\_ANPUH\\_2012\\_AcaoDiscursoemRacheldeQueiroz.pdf](http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1337119513_ARQUIVO_ANPUH_2012_AcaoDiscursoemRacheldeQueiroz.pdf). Acesso em 05/04/2018.

FERREIRA, Raquel F. S. “Antônio Maria: crônicas, memória e Rio de Janeiro”. IN: *Outros Tempos*. São Luiz: UEMA, Vol. 6, n.7, 2009. Disponível em:

[http://www.outrostempos.uema.br/vol.6.7.pdf/raquel\\_%20franca.pdf](http://www.outrostempos.uema.br/vol.6.7.pdf/raquel_%20franca.pdf). Acesso em: 05/04/2018.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. DESTECENDO A REDE CONCEITUAL DA CRÔNICA: discussões em torno da crítica e projeções no ensino do gênero menor. In.: *Revista Encontros*, vol 11, n.20(2013). Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/encontros/article/view/328/269>, acesso em 17/10/2017.